

**A ALIENAÇÃO E A PRÁXIS HUMANIZADORA DE ACORDO COM A PROPOSTA  
DE PAULO FREIRE**

**ALIENATION AND HUMANIZING PRAXIS ACCORDING TO THE PROPOSAL OF  
PAULO FREIRE**

**ALIENACIÓN Y PRAXIS HUMANIZADORA SEGÚN LA PROPUESTA DE PAULO  
FREIRE**

VERÁSTEGUI, Rosa de Lourdes Aguilar  
rosaguilar@uel.br  
UEL – Universidade Estadual de Londrina  
<https://orcid.org/0000-0003-2647-3749>

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é apresentar a educação proposta por Paulo Freire como uma educação crítica, que implica uma práxis humanizadora. Esta temática justifica-se porque esclarecerá o significado de educação neoliberal e as implicações da “escola sem partido”, realidades atreladas a nossa abordagem. A metodologia é bibliográfica, e os principais referenciais teóricos são os livros de Freire: *Pedagogia da autonomia*, *Pedagogia da esperança* e *Pedagogia do oprimido*. Esperamos ressaltar os aportes de Freire para as conquistas dos direitos humanos, sobretudo, a liberdade e a dignidade.

**Palavras-chave:** Libertação. Educação Crítica. Humanização.

**ABSTRACT**

The purpose of this article is to present the education proposed by Paulo Freire as a critical education, which implies a humanizing praxis. This theme is justified because it will clarify the meaning of neoliberal education and the implications of the “school without a party”, realities linked to our approach. The methodology is bibliographic, and the main theoretical references are Freire's books: *Pedagogy of Autonomy*, *Pedagogy of Hope* and *Pedagogy of the Oppressed*. We hope to highlight Freire's contributions to the achievements of human rights, especially freedom and dignity.

**Keywords:** Liberation. Critical Education. Humanization.

**RESUMEN**

El propósito de este artículo es presentar la educación propuesta por Paulo Freire como educación crítica, que implica una praxis humanizadora. Este tema se justifica porque aclarará el significado de la educación neoliberal y las implicaciones de la “escuela sin partido”, realidades ligadas a nuestro enfoque. La metodología es bibliográfica, y las principales referencias teóricas son los libros de Freire: *Pedagogía de la autonomía*, *Pedagogía de la esperanza* y *Pedagogía del oprimido*. Esperamos destacar las contribuciones de Freire al logro de los derechos humanos, especialmente la libertad y la dignidad.

**Palabras clave:** Liberación. Educación Crítica. Humanización.



## 1 INTRODUÇÃO

Quando tratamos de problemas da educação, geralmente, pensa-se que a discussão tratará sobre métodos e habilidades. Assim, ao tratar diferentes abordagens de ensino, o foco geralmente são as metodologias de ensino, que se acredita serem mais eficazes para permitir que os alunos aprendam. O pressuposto é que, se mudarmos os métodos, "capacitamos" os professores ou aumentarmos o financiamento, os nossos problemas educacionais serão resolvidos. Esperar esses resultados como uma consequência necessária é imaginar que os problemas da educação são referentes a problemas administrativos, de caráter técnico (SANTOS, 2002).

E neste rumo, tanto a política como a educação são consideradas como empresas, que devem melhorar suas estratégias técnicas para serem produtivas e obterem resultados satisfatórios, como argumenta Boaventura de Sousa Santos (2002, p. 51):

Foi assim que também a política se transformou num campo social de carácter provisório com soluções insatisfatórias para problemas que só poderiam ser convenientemente resolvidos se fossem convertidos e problemas científicos ou técnicos: a célebre transformação saint-simoniana da administração de pessoas numa administração de coisas".

Essa tecnificação segue um critério cientificista, e tentou transformar os problemas da educação em uma dificuldade de ordem técnica. Sendo que os problemas da educação são mais complexos, estão ligados à humanização. Neste artigo, refletiremos sobre o significado da humanização proposta por Paulo Freire. Este pensador argumentou que o ensino nunca é apenas sobre habilidades. E que, tanto o ensino quanto o aprendizado não são processos neutros, pelo contrário, são políticos e éticos.

Freire (1987, 1992, 2002) ressalta várias categorias filosóficas quando trata de educação e humanização. O autor destaca a visão de realidade dos seres humanos, a relação e a comunicação através do diálogo e a importância da práxis.



A educação preserva os valores humanos, e sobre o fundamento destes valores, observamos que:

A Declaração Universal dos Direitos do Homem representa a manifestação da única prova através da qual um sistema de valores pode ser considerado humanamente fundado e, por tanto, reconhecido: e essa prova é o consenso geral acerca da sua validade (BOBBIO, 2004, p. 17).

Entre os valores culturais estão o conhecimento científico, artístico, ético e político. E os bens culturais devem chegar a toda a população de maneira justa, equitativa e pacifista, que não se utilize da meritocracia, nem qualquer outra forma discriminatória e preconceituosa de distribuir os bens que são patrimônio da humanidade. E, além dos bens culturais estão os naturais (água, florestas, solo, entre outros), que a educação ajuda a preservar.

Sobre os bens naturais, estes estão sob ameaças constante e são nossos bens caríssimos que o sistema capitalista quer explorar, e transformar em lucro, mudando todo o regramento e simplificando normas ambientais de proteção. Se cremos que eles têm pouco significado, devemos observar que os valores humanos, anteriormente mencionados e nossa própria existência no planeta Terra, dependem deles.

Educar para preservar de forma solidária o planeta, de tal maneira que as agressões à natureza diminuam, é uma tarefa de médio e longo prazo. E observamos que as propostas das campanhas políticas das últimas décadas e os interesses dos grupos de poder são imediatistas, carregadas de oportunismo que só preveem exigências a curto prazo. As visões políticas que tendem a ser pragmáticas, não consideram que o problema ambiental afetará as próximas gerações (SANTOS, 2018).

Assim, observamos que a educação como processo de preservação de valores terá que atingir a responsabilidade intergeracional. Afinal, a educação é um processo que permite que as novas gerações preservem o legado que foi passado para nós por gerações passadas. Esta herança é de história, ética, ciência, arte, tradições, crenças, política e, também, natural. A educação nos permite preservar este patrimônio herdado, e permite poder construir o nosso legado para as gerações futuras.

Mas, a educação tem como tarefa a desbrabarização, como anota Adorno (1995) e esse deve ser o principal objetivo da escola. A escola deverá educar contra



os preconceitos, a violência, o autoritarismo, para evitar o genocídio e a tortura. De tal maneira que, devemos analisar nossas metas anteriores, porque o tão perseguido princípio civilizatório, levou à barbárie, e lembrar que os culpados são aqueles que voltaram seu ódio contra as vítimas, com uma tal ausência de consciência, que em momento algum, pensaram em parar (ADORNO, 1995).

A educação é autorreflexão e a postura crítica deve ser ensinada desde a infância, para formar pessoas que não repitam a barbárie. Sobre a importância do professor da educação infantil Adorno (1995, p. 123) expressa:

Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes. Evidentemente não tenho a pretensão de sequer esboçar o projeto de uma educação nesses termos.

Auschwitz nos deve fazer observar até onde é capaz de chegar o ser humano em crueldade, e nossa tarefa é tentar evitar que barbáries como as que tivemos voltem a acontecer. E a educação deve unir-se nestes esforços. Assim, é necessário educar para a autonomia, para que a reflexão crítica de controle nossos atos.

## **2 A IMPORTÂNCIA DA LIBERDADE PARA DESENVOLVER O SENSO CRÍTICO**

A filosofia de Freire tem a noção de humanização, que resgata a dignidade humana e observando a condição humana. O conceito de direitos humanos está intimamente ligado à liberdade e à dignidade do ser humano. Ou como afirma Norberto Bobbio (2004, p. 15):

Partimos do pressuposto de que os direitos humanos são coisas desejáveis, isto é, fins que me recém ser perseguidos, e de que, apesar de sua desejabilidade, não foram ainda todos eles (por toda a parte e em igual medida) reconhecidos; e estamos convencidos de que lhes encontrar um fundamento, ou seja, aduzir motivos para justificar a escolha que fizemos e que gostaríamos fosse feita também pelos outros, é um meio adequado para obter para eles um mais amplo reconhecimento.

Existe prioridade por respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais, porque estes são parte daquilo que é próprio de nossa natureza e, também, porque através da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948, p. 7), especificamente no artigo 29º, manifestou-se um consenso para proteger um sistema de valores.

A educação ajudará para que tomemos conhecimento de nossa situação no mundo, de nossos deveres e direitos e, assim, poder com consciência e liberdade na sociedade. E a escola proporcionará um ambiente ideal para este desenvolvimento, mas os professores muitas vezes são reduzidos ao status de técnicos, deixando de ter autonomia nas salas de aula ou controle sobre sua posição crítica na da sala de aula, tanto assim que, agora são obrigados a ter uma posição de “escola sem partido”.

A educação que assume um modelo coativo, tira a liberdade de expressão dos professores, os quais ficam cada vez mais coagidos e desonrados. Esta situação coloca em colapso a autoridade do professor, e seu trabalho se converte em uma opressão, porque limita sua liberdade de expressão e seu pensamento crítico. Sendo assim, como podemos dizer que os professores têm os direitos respeitados e a dignidade estimada, se lhes negam a liberdade de expressão e os reduzem a uma peça mecânica do sistema educativo.

A imagem do professor reflexivo e crítico provoca temor, e pode levar a que este seja, muitas vezes, reprimido, perseguido e hostilizado e tenha sua liberdade de expressão cerceada. Como comenta Adorno (1995, p. 116):

Seria preciso atentar especialmente até que ponto o conceito de “necessidade da escola” oprime a liberdade intelectual e a formação do espírito. Isto se revela na hostilidade em relação ao espírito desenvolvido por parte de muitas administrações escolares, que sistematicamente impedem o trabalho científico dos professores, permanentemente mantendo-os *down to earth* (com os pés no chão), desconfiados em relação àqueles que, como afirmam, pretendem ir mais além ou a outra parte. Uma tal hostilidade, dirigida aos próprios professores, facilmente prossegue na relação da escola com os alunos.

Qualquer sinal de posicionamento crítico e reflexivo é visto como uma expressão que perturba o sistema controlador e opressivo. A principal questão que agora é cobrada à escola pública é como capacitar pessoas para entrar no mercado de trabalho ou no vestibular. Nessas circunstâncias, os educadores não têm



condições de preparar os alunos para serem cidadãos informados, curiosos, interessados e responsáveis pelo seu entorno.

Para Freire (1992), a educação não é um método ou uma técnica que deve ser aplicada aos alunos, para ajudar a estudar, memorizar ou a ter destrezas. A educação é uma prática política e moral que permite formar seres humanos, cidadãos. Sendo assim:

A tarefa da educadora ou do educador seria demasiado fácil se se reduzisse ao ensino de conteúdos que nem sequer precisariam de ser tratados assepticamente e assepticamente "transmitidos" aos educandos, porque, enquanto conteúdo de uma ciência neutra, já eram em si assépticos. O educador neste caso não tinha por que, ao menos, se preocupar ou se esforçar por ser decente, ético, a não ser quanto à sua capacitação (FREIRE, 1992, p. 40).

A educação nos permite exercer a consciência crítica, cultivar a liberdade, desenvolver a autonomia e incentivar nossa capacidade de participação. Freire (1987) acreditava que toda a educação, no sentido mais amplo, faz parte de um projeto de libertação, que é um projeto político, porque permite aos estudantes refletir, questionar e dar alternativas para poder construir uma vida social mais justa.

Paulo Freire (1987) rejeitou os regimes de degradação educacional, organizados em torno das demandas do mercado, que promovem a utilização instrumental do conhecimento e dão prioridade ao treinamento e a produção de mão de obra para o sistema econômico, em detrimento do desenvolvimento da imaginação e do pensamento reflexivo e crítico.

A educação que liberta é a educação crítica, que ajuda a observar a realidade, a ter consciência das forças que controlam a sociedade e tentam manipular as consciências. A educação crítica procura entender como funciona o poder na sociedade e se preocupa por formar alunos críticos, sujeitos cientes, que possam assumir suas responsabilidades e integrar-se na sociedade.

A pedagogia crítica implica uma prática dos valores que os docentes assumem e ensinam e, também uma consciência crítica sobre o que significa formar indivíduos reflexivos e críticos para atingir a autonomia (FREIRE, 1992). Desta maneira, a educação crítica é uma ameaça para os fundamentalistas, as elites dominantes, os extremistas religiosos e os grupos totalitaristas, porque permite que a educação forme



sujeitos curiosos, críticos, cientes da realidade, questionadores e, sobretudo, atuantes. Esta educação colabora na procura de uma forma justa de vida e:

Mais ainda, é a melhor maneira de criar e de ir consolidando um modo de ser democrático de que resulte, inclusive, o aprendizado, por parte dos acostumados com tudo poder, de que muito do que lhes parece uma ameaça a seus privilégios, entendidos por eles, obviamente, como direitos inalienáveis, é apenas a efetivação de direitos por parte de quem vinha sendo proibido de exercê-los. O aprendizado de que seus privilégios, como o de explorar os fracos, o de interdita-los de ser, o de negar-lhes a esperança, são imorais e, como tais, precisam de ser extirpados (FREIRE, 1992, p.101).

O perigo para o poder autoritário, que quer uma população passiva, é ter uma população capaz de questionar e fazer mudança social, que cerceie e rompa com seu poder de controle.

A educação crítica permite que os educandos sejam capazes de analisar, argumentar e chegar a um acordo com seus pares e organizar-se. Estes debates e acordos têm como base o respeito e a liberdade. Ao contrário da educação autoritária, a educação crítica respeita a liberdade e a igualdade, como parte de um relacionamento democrático. Isso não é uma forma de doutrinação política, mas a melhor maneira de tentar respeitar a individualidade e o coletivo dentro da sala de aula.

Freire (1987) nunca se cansou de insistir que a educação não pode ser um processo neutro. Ensinar e aprender são necessariamente atividades políticas, porque:

A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política. Quem pensa assim, quem afirma que é por obra deste ou daquele educador, mais ativista que outra coisa, que a educação vira política, não pode esconder a forma depreciativa como entende a política. Pois é na medida mesmo em que a educação é deturpada e diminuída pela ação de baderneiros que ela, deixando de ser verdadeira educação, possa a ser política, algo sem valor (FREIRE, 2002, p. 68).

Professores e alunos levam consigo uma visão do mundo própria e isto acontece em qualquer ambiente educacional. Esta percepção está ligada à realidade política, a sua vida, e isso não pode ser proibido de ser manifestado, porque significaria proibir que os cidadãos tenham liberdade de expressão. Além disso, a política está nos métodos de ensino, nas decisões sobre o que ensinamos, nas leis a



que estamos sujeitos, nas formas de avaliação e nos recursos e financiamento que tem a escola. Em outras palavras, a vida da escola está impregnada de política. Como proibir falar de política?

Mas, isto não significa que só isso será o motivo da aula. Os professores precisam conhecer bem o assunto que tratam, precisam preparar-se minuciosamente na sua área de conhecimento, considerar cuidadosamente porquê desejam empregar uma abordagem metodológica em vez de outras e, procurando a dialogicidade e mantendo seus compromissos éticos. Ensinar de maneira crítica é uma tarefa com grande responsabilidade e raramente apreciada pelos governos e órgãos financiadores. Manifestar sua visão de mundo implica respeito e honestidade com os outros, assim Freire (2002, p. 42) manifesta:

Primordialmente, minha posição tem de ser a de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse mudar. Não posso negar-lhe ou esconder-lhe minha postura, mas não posso desconhecer o seu direito de rejeitá-la. Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política assumindo uma neutralidade que não existe. Esta, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção desde direito por parte dos educandos.

A educação não pode ser neutra, não pode ser alheia à problemática que afeta aos educandos, assim como ao educador. É sempre preocupada pela responsabilidade que os sujeitos têm com seu papel histórico, entendendo que almejamos uma vida mais justa, criativa e democrática (FREIRE, 2002).

Freire (1987, 1992, 2002) argumentou que a educação como uma prática da liberdade permite o desenvolvimento dos participantes e, portanto, o trabalho pedagógico garante uma participação enriquecedora e democrática.

### **3 A PROPOSTA FREIRIANA É UMA FILOSOFIA E NÃO É UM MÉTODO**

Freire nunca viu sua abordagem sobre a educação como um "método" ou mesmo um conjunto de métodos. É possível delinear princípios na filosofia pedagógica de Freire. Isso inclui um compromisso com o diálogo, uma atitude de cuidado e respeito com os alunos, apoio ao rigor e à investigação e o fomento do pensamento crítico, sem excluir a beleza que o senso estético permite. A forma que



esses ideais assumem, no entanto, diferirá de um contexto para outro. A proposta deste autor não é uma fórmula a ser aplicada, é a proposta de humanizarmos, ser e estarmos cientes de nosso papel histórico e olharmos para os humanos com respeito e compromisso. Essa não é uma proposta a metodológica, é uma filosofia de vida. Esta proposta está dirigida para crianças muito pequenas, assim como para jovens e adultos. A reflexão que este grande pensador e educador nos convida a fazer, vale para todos aqueles que querem uma vida melhor e que têm esperanças no futuro.

Não é que os métodos não tenham importância, Freire (1992) enfatiza que os professores devem conhecer bem suas áreas de estudo e ter muita competência técnica no trabalho com os alunos. Mas, ensinar não é apenas implementar métodos; implica também uma orientação particular em relação aos seres humanos e ao mundo. Ensinar é um processo complexo para compreender, como sublinha Freire(1992, p. 56):

Os métodos com que o sujeito ensinante se aproxima do conteúdo que medeia o educador ou educadora do educando ou educanda. Na verdade, o conteúdo, por ser objeto cognoscível a ser reconhecido pelo educador ou educadora enquanto o ensina ao educando ou educanda que, por sua vez, só o aprende se o apreende, não pode, por isto mesmo, ser puramente transferido do educador ao educando. Simplesmente no educando depositado pelo educador.

A decisão de quais métodos serão apropriados, em um determinado contexto, depende de como os professores decidem trabalhar com seus alunos e dos objetivos da sua prática docente. E assim como existe uma preocupação pelos métodos, deve existir pelas questões ontológicas, éticas e políticas, porque não podemos ser neutros no processo educativo. Fingir o contrário é, do ponto de vista freiriano, ser ingênuo ou falso. Sendo assim:

Não há nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos de que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados (FREIRE, 1992, p. 40).



Não se trata dar maior ênfase aos métodos de ensino ou aos problemas éticos, políticos ou estéticos; ao contrário, todos estes elementos devem estar entrelaçados. O professor necessita ter um domínio metodológico, científico, um compromisso ético, uma consciência política e ser capaz de orientar-se através do prazer estético. Não podemos excluir estes requisitos na formação e compromisso do professor.

Freire (2002) argumenta que em um mundo neoliberal há uma atitude fatalista. Os neoliberais veem as desigualdades sociais como fatos inevitáveis, tentam naturalizar a injustiça social como algo que sempre existiu e não pode deixar de existir. Eles adotam uma forma de pensamento meritocrático ao explicar as desigualdades sociais, descrevendo-as como o fracasso de alguns indivíduos em competir adequadamente. Para os neoliberais, as pessoas ganham o que merecem e se são pobres é porque são incapazes ou que estão coletando aquilo que semearam. As consequências econômicas do liberalismo são um enorme crescimento da desigualdade econômica e social, e como afirma Chomsky (2002, p. 3):

Diante desses fatos, os defensores da ordem neoliberal nos garantem que a prosperidade chegará inevitavelmente até as camadas mais amplas da população – desde que ninguém se interponha à política neoliberal que exacerba todos esses problemas! No final, os neoliberais não têm como apresentar, como não apresentam de fato, a defesa empírica do mundo que estão construindo .

Os neoliberais acusam aqueles que desejam abordar questões éticas de 'manipular politicamente', “distorcer a realidade”. Os neoliberais tratam a educação como uma mercadoria: como um produto a ser vendido, e aqueles capazes de pagar, terão a melhor educação. A educação é vista como um investimento econômico, que é procurado, porque fornece vantagem econômica.

Ao converter o valor que possui a educação em um valor de cambio, este é enquadrado numa medida quantitativa que supostamente reflete o tempo de trabalho socialmente necessário para este produto ser produzido. E este valor é independente ao valor de uso que possa ter. Como podemos observar ao enquadrar a educação como uma mercadoria, esta entra nos critérios tarifários que o mercado estabelece, no sistema capitalista.

Segundo os critérios neoliberais, a educação deixa de ser um direito de todos, um patrimônio da humanidade, um legado de nossos ancestrais, e converte-se em



uma mercadoria, que tem dono, e o seu preço no mercado depende de sua demanda. A educação passa a ser um produto controlado pelo sistema capitalista, e surgem os empresários da educação que através dessa “ânsia irrefreada de posse, desenvolvem em si a convicção de que lhes é possível transformar tudo a seu poder de compra” (FREIRE, 1987, p. 25).

Se estas regras passam a dominar a educação, nunca teremos profissionais docentes comprometidos com seu trabalho, senão unicamente com o lucro. No sistema neoliberal, os indivíduos devem atuar pensando basicamente no lucro, com critérios mercantis. E é a postura do educador "pragmático" que é seduzido pelo neoliberalismo. Segundo Freire (1992, p. 74):

Temo hoje que algum ou alguns ou também algumas das inquietas ou inquietos, com justiça, revoltados intelectuais que me procuraram na época, façam parte agora dos que se deixaram domesticar pela sonoridade de certo discurso neoliberal. Dos que acham que afinal a história é assim, a vida é assim: os competentes manejam as coisas e lucram e criam a riqueza que, de certa forma, quando o momento chegar, será mais ou menos distribuída .

A educação para os neoliberais é um produto; algo a ser negociado no mercado, assim como compramos itens de alimentação ou roupas. Assim,

As doutrinas neoliberais, independentemente do que se pense delas, debilitam a educação e a saúde, aumentam a desigualdade social e reduzem a parcela do trabalho na distribuição da renda. Ninguém duvida disso seriamente hoje em dia (CHOMSKY, 2002, p.17).

Para Freire (1987, 1992), ao contrário, a educação é um processo complexo e multifacetado de ensino e aprendizagem, de formação ética e política, que não pode ser reduzido a uma série de transações econômicas. A educação nos traz os bens invaloráveis de nossa cultura, de nosso patrimônio humano, ela nos permite incrementar este patrimônio e ainda integrarmos com a humanidade.

A educação tem, ou pode ter, benefícios muito além do individual e privado. A educação pode ser vista como um bem público; ela está ligada com nossa dignidade humana, com nossos direitos de ser humano e nossa subsistência como espécie. E para envolver-se e abraçar a causa da educação, é necessário ser um revolucionário solidário, ter uma utopia que oriente a conduta e providencie a convicção necessária para continuar (MCLAREN, 1987).

Já os neoliberais trabalham para criar uma educação como bem de troca, com valor monetário, porque tem uma “[...] concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal.” (FREIRE, 1987, p. 25). Eles manifestam que existem diversas “educações”, de vários preços, para diversos consumidores. Esta mentalidade segue as regras do mercado e considera os professores como os distribuidores de conhecimentos. Aqui cabe lembrar a crítica que Platão faz aos sofistas, no diálogo o *Protágoras* (1999), quando o personagem Sócrates compara os sofistas aos traficantes ou vendedores de mercadorias que nutrem a alma.

Uma maneira neoliberal de encarar a educação e a preparação profissional dos professores é desumanizante. Uma abordagem neoliberal pretende ser "pragmática", preocupada apenas com "o que funciona" em um mundo competitivo (FREIRE, 2002). Sendo assim, no sistema neoliberal não existem as perguntas éticas e políticas mais profundas sobre a natureza da sociedade, na qual professores e alunos estão sendo conduzidos.

#### **4 O CONHECIMENTO LIBERTADOR**

A epistemologia de Freire (1981. 2002) se baseia em sua ontologia e em sua concepção da realidade. Dado um mundo em constante mudança, ele afirma que nunca podemos conhecer completamente; em vez disso, na melhor das hipóteses, podemos ficar próximos da compreensão de um objeto de estudo, isto exige uma constante preocupação pela realidade.

O conhecimento não é um legado pronto e finalizado, ele é uma construção a partir das contribuições dos outros, isto é, através da prática humana reflexiva e dialógica podemos construir nossos conhecimentos. "Saber", do ponto de vista freiriano, não é uma atividade abstrata individual isolada, puramente racional; pelo contrário, é um processo social e prático. O conhecimento, diz Freire, envolve todo o eu consciente, sentimentos, emoções, memória, afetos, uma mente epistemologicamente curiosa, focada no objeto (FREIRE, 2002).

A razão permanece importante na epistemologia de Freire, mas é apenas uma parte do processo de conhecimento. O aprendizado e o conhecimento sempre envolvem os outros, nunca podemos aprender sozinhos, mesmo que a presença do



outro não seja evidente e imediata. E no encontro com os outros, encontramos a comunicação, o diálogo, que é a forma respeitosa de aproximar-se aos outros. Porque:

Enquanto na teoria antidualógica as massas são objetos sobre que incide a ação da conquista, na teoria da ação dialógica são sujeitos também a quem cabe conquistar o mundo. Se, no primeiro caso, cada vez mais se alienam, no segundo, transformam o mundo para a liberdade dos homens (FREIRE, 1987, p. 97).

O diálogo requer uma forma de compromisso compartilhado e para que isso funcione bem, os professores precisam tomar cuidado para não adotar uma postura defensiva ou reacionária quando são confrontados sobre os seus próprios pontos de vista. Eles também têm que intervir, quando necessário, para permitir que diferentes vozes dos alunos sejam ouvidas. Freire (1987) não sugere que todos os alunos devam expressar suas opiniões; eles também têm o direito de permanecer em silêncio. Às vezes, uma reflexão crítica silenciosa é necessária antes que uma contribuição para a conversa educacional possa ser feita. Assim, manifesta Freire (2002, p. 63):

A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure a importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar

Contudo, quando os alunos desejam falar, eles devem, na medida do possível, ter a oportunidade de fazê-lo. Para alguns alunos, e o professor, isso geralmente significa suprimir o desejo de falar, a fim de permitir que outras pessoas que não foram ouvidas, possam expressar-se.

Freire (2002) nos lembra que, em vez de sempre buscar respostas, devemos, como professores, em qualquer nível, enfatizar a importância de aprender a fazer perguntas; de fomentar a curiosidade e a pesquisa. Assim manifesta Freire (2002, p. 18):

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere e alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que

nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

Entre as virtudes intelectuais necessárias para a formação humana estão a curiosidade, a humildade, a abertura e, o espírito de investigação. Uma postura que se permite o gosto pela descoberta, não se intimida com os problemas e perguntas. Mas, para ter esta postura, o educando deve contar com a ajuda de alguém que o encoraje a ter um espírito questionador e crítico, uma vez que seja capaz de ouvir e aprender com os outros. E essa ajuda virá do educador, que ajudará ao discente a expor os problemas e a experimentar a satisfação de tentar resolvê-los.

Freire (1997) argumenta que essas disposições pelo conhecimento devem ser atreladas a outras virtudes como o amor, a esperança, a tolerância, a coragem, a gratidão, o comprometimento e respeito pelos outros. Só assim poderemos integrarmos, para crescer juntos. Caso contrário, só poderemos sobreviver de modo precário, perdendo a satisfação de partilhar conhecimentos, colaborar e sentir-se parte da comunidade.

## 5 A ALIENAÇÃO E A PRÁXIS HUMANIZADORA

Nas obras de Freire, *Pedagogia do Oprimido* (1987) e na *Ação cultural para a liberdade* (1981), a humanização é retratada como um processo de tornar-se mais humano por meio da liberdade e da práxis dialógica. Sendo assim: “Na verdade, não há humanização sem libertação, assim como não há libertação sem a transformação revolucionária da sociedade de classes, em que a humanização é inviável” (FREIRE, 1981, p. 98). A humanização não é um ideal abstrato, mas é um desafio histórico, como luta contra a alienação e a dominação.

O jovem Marx (2008) analisou o conceito de alienação e o descreve como a situação dos operários no regime capitalista. Situação que torna a um indivíduo, grupo, ou sociedade alheios, estranhos, aos resultados ou produtos de sua própria atividade. Eles são estranhos em relação à natureza na qual vivem e aos seres humanos de seu entorno. Quando se observa os operários, eles sentem-se distantes



dos objetos que produzem. Freire (1981, p. 92) o interpreta, ao observar a alienação do cotidiano:

Não podemos submergir na dramaticidade de nossa própria forma de estar sendo no mundo, o que significaria a nossa perda na alienação da quotidianidade. Na verdade, se me perco na quotidianidade, perdendo, ao mesmo tempo, a percepção da dramática significação de minha existência, minha tendência é tornar-me fatalista ou cínico. Por outro lado, se busco emergir da quotidianidade, no sentido de assumir a dramaticidade de minha existência, mas não me faço comprometido historicamente, não tenho outro caminho senão cair num intelectualismo vazio, igualmente alienado. Assim, é possível que fale da existência como desespero ou impossibilidade.

A rotina do cotidiano tende a ser alienante, mas para esta condição ser superada não basta tentar sair dela através de uma reflexão intelectual, simulando compreendê-la e superá-la.

Quando se fala de alienação, nos referimos à falta de consciência dos problemas políticos e sociais. Estar alienado é não se situar nem compreender a sociedade em que vive. O alienado torna-se uma coisa, desumaniza-se e vira escravo daquilo que devia servir para seu desenvolvimento, é cativo da própria técnica e tecnologia, que se voltam contra ele. O ser alienado é uma vítima de condições externas (econômicas, políticas e sociais). Como manifesta Benjamim (1986, p. 117):

[...] o ser social na sociedade de classes é a tal ponto desumano que a consciência das diversas classes não lhe é adequada, mas pode-lhe corresponder apenas de modo mediato, impróprio e deslocado. E como tal falsa consciência das classes inferiores está fundamentada no interesse das classes superiores, e a das superiores, nas contradições de sua situação econômica, a busca de uma verdadeira consciência é tarefa prioritária do marxismo - a começar pelas classes inferiores, que tudo têm a esperar dele

É a verdadeira consciência, que o ser humano deve almejar, porque o engano degrada, desumaniza. Freire (1987) argumenta que a humanização é uma vocação ontológica e histórica. É ontológica, porque faz parte do nosso ser, de nossa condição humana e ela não é um processo abstrato, teórico, é real, e é histórica, porque se faz conosco, durante toda nossa existência.

A humanização vem pelas tomadas de decisões e compromissos que assumimos, dos relacionamentos que construímos e das ações que realizamos em



nossa vida. Por isso, devemos deixar de imaginar que podemos nos humanizarmos através dos pensamentos e sentimentos que desenvolvemos, eles podem ajudar no processo, mas é só isso.

A única forma de poder superar a alienação é através de uma práxis, para a qual precisamos esclarecimento e ação, que permita adotar o papel social e assumir as próprias responsabilidades. Neste sentido, a filosofia de Freire (1987,1992. 2002) não é contemplativa, ela é transformadora. Nessa transformação nos libertamos e ninguém se liberta sozinho, a liberdade é de uma classe, não de um indivíduo. Ao libertarmos nos humanizamos.

A humanização demanda a ação transformadora dos homens sobre a realidade, com a consciência transformadora. Mas, não podemos imaginar que a transformação será de forma espontânea ou que é uma consequência imediata da consciência do oprimido. A libertação não se dá unicamente na consciência dos homens, isolada da práxis.

Imaginar que podemos viver isolados, só procurando nosso sucesso de forma egoísta, acreditando que somos “bem-sucedidos” é uma forma alienada de viver. Pelo contrário, essas atitudes só nos degradam, podem fazer de nós um objeto caro, mais só uma “coisa”. A humanização se torna um desafio de todos os seres humanos, mas que deve ser encarado de diferentes maneiras segundo as diversas circunstâncias de cada um. De tal maneira que:

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz (FREIRE, 1992, p. 51).

Humanizar-se significa deixar de ser objeto. Ao humanizarmos temos em conta nossa individualidade, mas ninguém se educa ou humaniza sozinho, nos humanizamos juntos. E desumanizamos os outros quando impedimos seu desenvolvimento, sua liberdade, suas manifestações, e junto com eles a nossa humanidade padece. Por isso, Freire (2002, p. 45), ressalta que:



O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir.

Para Freire (1981, 1987, 1992, 2002), a desumanização é uma realidade histórica, que devemos combater e que pode ser vista no dia a dia em cada injustiça social, em cada degradação da natureza, em cada ato de violência, seja física ou moral.

Freire (1987) adota uma abordagem dialética ao procurar entender a realidade. Ele vê que os conceitos “consciência” e “mundo” estão constantemente mudando e interagindo entre si. “Mundo”, neste contexto, refere-se não apenas ao domínio da natureza, mas também aos fenômenos sociais e culturais. A “consciência” inclui não apenas a razão, mas também o sentimento, a vontade e o desejo (FREIRE, 1987).

Como seres conscientes, temos a capacidade de refletir criticamente sobre o mundo e modificá-lo à luz de nossas reflexões. Ao mesmo tempo, a maneira como pensamos, sentimos e agimos é moldada de maneira importante pelo mundo ao nosso redor. Em uma sociedade complexa, sempre existem contradições ou tensões e, abordar essas situações demanda uma consciência crítica e uma vontade de se envolver em ações transformadoras, isto é, de participação.

Freire (1981, 1987, 1992, 2002) identificou a “opressão” como um dos principais temas contemporâneos e considerou a “libertação” uma tarefa fundamental para os cidadãos em muitos países do mundo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação proposta por Paulo Freire (1981, 1987, 1992, 2002) é uma educação crítica, que implica uma práxis humanizadora, Isto é uma humanização como um processo contínuo, porque somos seres incompletos e devemos nos humanizarmos cada vez mais. Esse aperfeiçoamento nos permite resgatar nossa dignidade humana que é o resgate dos direitos humanos.

A educação, para Freire (1981, 1987, 1992, 2002), está ligada à formação humana a partir dos valores da sociedade, estes são de conhecimento, de arte, de



ética e política, tradições, em outras palavras, valores culturais. Mas, a educação também nos orienta para conservar nossos valores naturais. Então, como seres humanos temos a obrigação de preservar nossos valores culturais e naturais para que as gerações futuras possam usufruir deles. A educação não nos ajuda unicamente a cuidar, senão, também a desenvolver estes bens, e como tarefa principal esta educação deve permitir que sejamos capazes de viver em paz e com respeito. Temos que unir esforços para não repetir os erros do passado. Que a barbárie não nos atormente novamente.

Consideramos, como Freire (1997), que a educação é um complexo processo que envolve métodos, conhecimentos, habilidades racionais, também sentimentos e disposições humanas que nos permitiram interagir com os outros, para juntos educarmos. A educação é libertadora e engloba uma ontologia, uma epistemologia, uma ética e uma política, todas se complementam e alimentam mutuamente.

Neste processo, o principal recurso é o diálogo que estabelece a comunicação respeitosa e responsável. E esta educação deve ser contínua e por toda nossa vida, porque como seres incompletos, podemos aperfeiçoar sempre nosso desenvolvimento. Freire é ciente de que este processo não tem respostas finais, pelo contrário, é contínuo. Por isso, a ação de todos e cada um é necessária. A luta contra a dominação é a tarefa da qual todos devemos participar e exige um trabalho coletivo para ser eficiente.

Descobrimos que Freire (1981, 1987, 1992, 2002) nos propõe um projeto de formação humana com utopia, com ideais, que traz esperança em uma sociedade que, apesar de viver numa influencia pós-moderna, orienta as ações humanas não unicamente em direção a um processo cognitivo, senão em uma práxis transformadora, em um engajamento crítico. Diferente da proposta consumista, individualista e sem utopias do capitalismo, a práxis revolucionária de Freire (2002) é criativa, reflexiva e dialógica, quebrando o individualismo e construindo uma ação comunitária, porque ninguém aprende sozinho ou liberta-se sozinho, nos libertados e crescemos juntos.

A educação preserva valores materiais e culturais que herdamos e devemos preservar e contribuir para seu desenvolvimento, porque será nosso legado às



gerações futuras. Estes bens são patrimônio da humanidade e não podem ser convertidos em mercancias, dominadas pelo mercado.

Quando se fala que a educação tem problemas de ordem econômica, refere-se a que carece de investimento, não a que a educação precisa de uma administração de empresários, que transformem seus bens em valores monetários, para que estes sejam “bem” valorizados e, assim, venham a acabar com os problemas econômicos da educação.

Como seres que vivemos em sociedade, somos políticos, toda nossa cultura está ligada à política, e a educação é eminentemente política. E negar que os sujeitos da educação manifestem sua situação, sua realidade, seus interesses e condições, é proibir a liberdade de expressão. A proposta da “escola sem partido” equivale a impedir o ir e vir das informações da sociedade, por isso, qualquer restrição à liberdade de expressão é um atentado contra os direitos humanos, é uma desumanização.

Se permitimos que a política neoliberal transforme as instituições educativas em empresas e que um governo autoritário introduza mecanismos repressivos, com o discurso de “valorizar”, “proteger”, “cuidar”, ajudaremos a que o totalitarismo neoliberal encontre campo fértil para estabelecer-se, e uma vez estabelecido, adquire legitimidade e uma forma legal que será difícil combater. Por isso, é necessário ter criticidade para cuidar as intenções dos discursos e não cair em armadilhas retóricas, que são capazes de atrair multidões.

### **ROSA DE LOURDES AGUILAR VERÁSTEGUI**

Professor Adjunto. Departamento de Educação. Área de Filosofia. Universidade Estadual de Londrina – UEL. Doutor em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa Filosofia, educação e condição humana.

### **REFERÊNCIAS**

ADORNO, W. T. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra, 1995.

BENJAMIN, W. *Documentos de cultura*. Documentos de barbárie: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix, 1986.

BOBBIO, N. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

- CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e ordem global*. RJ: Bertrand Brasil, 2002.
- FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo. Boitempo, 2008.
- MCLAREN, P. Paulo Freire e o pós-moderno. *Educação e realidade*. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 3-13, 1987.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 05 dez. 2021.
- PLATÃO. *Protágoras*. Trad. Ana Piedade Elias Pinheiro. Relógio D'água. Lisboa, 1999.
- SANTOS, B. de S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SANTOS, B. de S. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial*. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

*Recebido em: 18/03/2021.*

*Aprovado em: 13/07/2021*